

RESENHA DO FILME “PELÉ: O NASCIMENTO DE UMA LENDA”

Guilherme Moreira Caetano Pinto¹, Miguel Archanjo de Freitas Júnior¹
Bruno Pedroso¹, Bruno José Gabriel¹

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo resenhar o filme Pelé: O nascimento de uma lenda, uma produção estadunidense lançada em 2016. A referida obra aborda a trajetória do futebolista Edson Arantes do Nascimento, conhecido popularmente como Pelé, com ênfase em sua infância até a copa de 1958. O filme aborda um atleta mundialmente reconhecido e, ao cinematografá-lo, torna evidente diversas passagens da vida do protagonista, destacando superficialmente questões transversais de cunho social e o estilo de jogo brasileiro, chamado de “Ginga”. O desfecho da obra, alicerçado nos feitos de Pelé, destaca a conquista de 1958 diante de condições adversas, evidenciando o surgimento de Pelé para o mundo, e o reconhecimento da ginga como um estilo de jogo bonito e genuinamente brasileiro.

Palavras-chave: Futebol. Atletas. Cinema como assunto.

ABSTRACT

Review of the film “Pelé: the birth of a legend”

The present work aims to review the film Pelé: the birth of a Legend, an American production released in 2016. The work relates the trajectory of the soccer player Edson Arantes do Nascimento, popularly known as Pelé, with emphasis in your childhood until the 1958 world cup. The film focuses a world-known athlete, and by cinematographing such player, it evidences various difficulties different in the life of the protagonist, highlighting superficially social issues and the Brazilian style of play, called “Ginga”. The work's conclusion, based on achievements of the Pelé, highlighting an achievement of 1958 in adverse conditions, demonstrating the birth of Pelé for the world, and the recognition of “Ginga” as a beautiful, Brazilian style of play.

Key words: Football. Athletes. Motion Picture as topic.

1-Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Setor de Ciências Biológicas e da Saúde, Departamento de Educação Física, Ponta Grossa-PR, Brasil.

E-mail dos autores:
guilherme-coxa@uol.com.br
mfreitasjr@uepg.br
prof.brunopedroso@gmail.com
brunogabriel_uepg@hotmail.com

Endereço para correspondência
Guilherme Moreira Caetano Pinto
Avenida Carlos Cavalcanti, Campus
Universitário.
Uvaranas, Ponta Grossa-PR, Brasil.
CEP: 84030-900.

O longa-metragem americano “Pelé – o nascimento de uma lenda” (título original *Pelé: birth of a legend*), lançado em 2016 nos Estados Unidos após constantes atrasos (Roxborough e Kemp, 2014), foi escrito e dirigido pelos irmãos Jeff e Michael Zimbalist, e distribuído pela IFC films. A produção foi dos irmãos Zimbalist e de Brian Grazer, e a edição foi de Naomi Geraghty. Trata-se de um filme do gênero drama, que reporta a biografia do jogador de futebol Edson Arantes do Nascimento, popularmente conhecido como Pelé.

A obra “Pelé: o nascimento de uma lenda” encontra nos fãs do futebol o seu principal público de interesse, permitindo aos indivíduos mais velhos lembrar um momento marcante do esporte no país e, aos indivíduos mais jovens, conhecer a história de um dos futebolistas mais famosos da história deste esporte.

O enredo gira em torno da história de Pelé, desde sua infância quando era chamado de Dico (interpretado por Leonardo Lima Carvalho) até a conquista da copa do mundo de 1958, e apresenta a trajetória daquele que se tornou um dos maiores jogadores de futebol da história, atingindo feitos extraordinários ainda com pouca idade. Ainda que no filme, ora se utiliza a nomeação Dico, ora se utiliza a nomeação Pelé, na presente resenha adotou-se o nome Pelé em referência ao protagonista em todas as ocasiões.

Essencialmente, a história abordada coaduna com outras obras de biografia esportiva, seguindo o modelo que fora apresentado por Joseph Campbell no livro “*The hero with a thousand faces*”¹, publicado em 1944, em que um atleta vence as adversidades para atingir a excelência.

Naturalmente, histórias com tal natureza têm potencial para se tornarem bastante atrativas, pois grande parte do público se identifica com a história apresentada. Além disso, a riqueza histórica do personagem principal gerou bastante expectativa no entorno do lançamento da obra.

No entanto, a receptividade da crítica especializada não foi positiva nos Estados Unidos. O filme foi bastante criticado pela imprensa norte-americana pela falta de realismo, existência de diálogos pobres e por abordar questões históricas de forma

superficial (Zilberman, 2016; Rechtshaffen, 2016).

Em que pese tal cenário, algumas temáticas de interesse são levantadas, ainda que superficialmente, possibilitando discussões interessantes em relação ao trauma brasileiro após a derrota na final da Copa de 1950, que gerou uma rejeição social a questões relacionadas às heranças africanas, bem como ao futebol ser capaz de elevar a autoestima de uma nação. É possível ainda identificar uma distinção entre classes sociais retratada na década de 1950.

Logo em seu início, a obra apresenta imagens, ora reais, ora fictícias, relacionadas à última partida da fase de grupos quatro da Copa de 1958, em que o Brasil enfrentava a União Soviética. Retrata-se o cenário adverso em que a seleção brasileira confrontava União Soviética e das lesões na equipe titular, o que veio a culminar na aposta em um garoto de 17 anos. Além disso, aborda-se brevemente o trauma brasileiro após a derrota “em casa”, para o Uruguai na final da Copa de 1950.

O link com a Copa de 1950 permite a apresentação de uma das histórias mais famosas relacionadas a Pelé. O filme mostra um Brasil estereotipado no dia da final da copa, na qual um grupo de crianças brinca com uma bola de retalhos confeccionada por eles próprios, driblando buracos, pessoas trabalhando e barracas improvisadas. Os adultos, em sua maioria, escutavam pelo rádio a final da copa entre Brasil e Uruguai. Como se sabe, o Uruguai sagrou-se campeão mundial, fato que gerou um clima de comoção geral. Retrata-se, então, o choro de Didico (pai de Pelé, o qual foi interpretado por Seu Jorge), e a promessa de Pelé (Dico) ao seu pai de que conquistaria uma Copa do Mundo para o Brasil.

É perceptível, nas cenas iniciais da obra, uma representação da prática do futebol por crianças, que ocorre na rua e de forma improvisada, haja vista que, desde a infância, as crianças são incentivadas a praticar o futebol no Brasil. A adesão a este esporte por parte dos brasileiros ocorre intensamente nas quadras, nas ruas, nas praias, entre outros locais adaptados para sua prática, e faz parte de uma construção cultural (Giglio e colaboradores, 2008).

É certo que o cenário retratado pelo filme indica que, no Brasil, as crianças jogam futebol desde muito pequenas em ambientes

¹ Versão brasileira publicada em 1949, sob o título “O herói de mil faces”.

improvisados. O início precoce na prática do esporte e o incentivo cultural explicam a predisposição do país em revelar jogadores de destaque da modalidade. Deixa-se de lado a hipótese de que, no Brasil, as crianças nascem sabendo jogar, e passa-se a visão de que no Brasil as crianças crescem jogando, sendo este processo fundamental na construção da técnica (Giglio e colaboradores, 2008).

Tal perspectiva coaduna à ideia de que a criança deve vivenciar inúmeras experiências distintas para aprender a jogar um esporte (De Souza e Colaboradores, 2010).

Logo, em virtude da variabilidade do ambiente, a prática na rua pode ter papel formador para que uma criança aprenda a jogar futebol, juntamente com as questões culturais supramencionadas.

Ainda que seja possível fazer as relações acima mencionadas com as cenas iniciais do filme, pondera-se que há uma crença nacional, reforçada pelo próprio Pelé, de que não se ensina a jogar futebol (Giglio e Colaboradores, 2008).

Logo, não fica claro se houve a intenção de se representar a construção cultural do futebol no Brasil, ou se isto surge de forma espontânea na produção do filme.

Outro fato histórico abordado no filme relaciona-se à origem do apelido Pelé, que é inicialmente empregado de forma pejorativa. Pelé, em uma conversa entre meninos, confunde e troca o nome do goleiro do Vasco da Gama, de Bilé para Pelé, alcunha pela qual passou a ser chamado. Curiosamente, quando menino, Pelé rejeitava o apelido que veio a consagrá-lo futuramente.

A obra em exame também expõe uma nítida distinção de classes sociais na sociedade da época, evidenciando a dualidade de um mesmo campeonato em que participavam times com crianças de famílias de alto poder aquisitivo, e equipes com garotos que não dispunham sequer de chuteiras para calçar os pés.

Tal cenário fica evidenciado em um momento chave para a ascensão de Pelé, em que o protagonista e seus amigos decidem participar da Copa da Juventude de Bauru. Porém, em virtude da baixa condição econômica, jogam descalços e sem camisas, enquanto outras equipes têm uniformes

padronizados e outros aparatos característicos da prática da modalidade.

Retratando tempos românticos do futebol, praticado com bolas de couro e uniformes improvisados, o time de Pelé supera todas as adversidades e chega à final do campeonato, perdendo para o time de José Altafini - apelidado futuramente de Mazola -, pelo placar de 6x5. Apesar da derrota, o "campeão moral" acabou sendo Pelé, que teve grande atuação após sua equipe começar perdendo por 6x0, e teve seu apelido de Pelé gritado pelos torcedores locais. Foi neste jogo que Pelé chamou a atenção do olheiro Waldemar de Brito (interpretado por Milton Gonçalves).

Ainda na infância o filme retrata a morte de um amigo de Pelé. Para conseguir chuteiras para a final do campeonato, Pelé e seus amigos roubam amendoins para vender. Posteriormente à partida final, os rapazes que tiveram os amendoins roubados perseguiram Pelé e Thiago e, ao final da cena, Thiago acaba morrendo soterrado.

O fato acima descrito e a rejeição de sua mãe à ideia de que seu filho se tornasse jogador de futebol afasta Pelé dos gramados. Ele começa a trabalhar com seu pai, como faxineiro, sendo neste momento retratadas as dificuldades enfrentadas por Pelé em sua infância.

Durante a infância, Pelé passa muito tempo com seu pai, que também tentou seguir carreira no futebol e demonstrava detenção de elevada capacidade técnica na modalidade. Retratou-se, no desenrolar do filme, que Pelé e seu pai brincavam constantemente de controlar uma manga com os pés, fato este que dá contornos de um romantismo futebolístico acerca do desenvolvimento da habilidade de Pelé.

Quando Pelé atinge 15 anos, sua mãe aceita a ideia de que ele seguisse a carreira de jogador de Futebol, chamando o empresário Waldemar de Brito para conversar. Pelé compõe uma categoria de base do Santos Futebol Clube, e inicia os treinamentos mais especializados. Nesta fase da história, o filme não se furta a mencionar que o protagonista pensou em desistir do futebol após desperdiçar uma cobrança de pênalti em uma partida.

Além disso, constantemente Pelé era repreendido pelo seu estilo de jogo no treino, aonde buscava-se adotar um padrão europeu

para com a formação dos atletas, rejeitando-se a “ginga”. O filme aborda, então, a rejeição do brasileiro a este estilo de jogo. Faz-se alusão, em um diálogo de Waldemar de Brito com Pelé, sobre o contexto da escravidão no século XVI, em que foi retratado o uso da capoeira como um mecanismo de defesa dos negros, que após o fim da escravidão, veio a ser proibida. Desta forma, eles encontravam no futebol uma forma de manter viva a ginga dentro dos campos de futebol.

No entanto, o filme reforça o mito criado por Mário Filho, no livro “O Negro no Futebol Brasileiro”, destacando que a ginga foi apontada como a grande culpada pela derrota de 1950. O povo então se voltava contra qualquer herança da cultura africana no Brasil e, por isso, o estilo de jogo de Pelé era rejeitado. Em relação à copa de 1950, torna-se prudente mencionar a história de Barbosa, goleiro da seleção que foi supostamente considerado o principal responsável pela derrota.

Ainda que não tenha sido abordada no filme, a história de Barbosa rendeu inclusive algumas discussões acadêmicas acerca da existência de racismo em sua condenação pública pela derrota. Mario Filho discute e populariza a ideia, em sua obra já mencionada, a existência de racismo na condenação de Barbosa pelo fracasso no mundial de 1950 (Santos, Capraro e Lise, 2010).

Em medida semelhante, Abrahão e Soares (2009) afirmam que as justificativas para a derrota brasileira em 1950 pautaram-se em questões raciais sobre mulatos e negros.

No entanto, Santos, Capraro e Lise (2010) afirmam não ter encontrado evidências de racismo nos periódicos da época, embora Barbosa figurasse como um dos responsáveis pelo baixo desempenho na partida.

Neste sentido, uma melhor exposição deste cenário poderia dar maior peso à rejeição da herança africana tratada pelo filme. Não obstante, superficialmente menciona-se que Pelé foi o único atleta negro convocado para a Copa de 1958. Fica evidente que tal temática era latente na época, e ainda ecoa na sociedade hodierna. Além disso, ressalta-se que Pelé foi alvo de críticas por ignorar a luta antirracista (Wilkson, 2014). No filme, ao que parece, não se realiza tal abordagem com profundidade.

Com característica ficcionista, o filme retrata, superficialmente, alguns momentos da carreira de Pelé. Em uma partida em que o Santos estava sendo derrotado por 3x0 para o Cubatão, Pelé realiza vários dribles e efetua um gol de bicicleta. O gol, sem registro de imagens, é considerado pelo próprio Pelé o gol mais bonito de sua carreira.

Decorrente de suas boas atuações, Pelé aos 15 anos de idade passa a ocupar um lugar na equipe profissional do Santos. Neste momento, uma retomada ao passado remete à ideia de que o futebol pode ter mudado a vida de Pelé, visto que este toma conhecimento de que seus amigos se envolveram em um roubo, tendo um deles sido preso.

Na evolução do enredo, Pelé conhece Zito, jogador do profissional, e é convocado para Copa do Mundo de 1958, com apenas 16 anos. O filme ainda aborda uma rivalidade entre José Altafini (conhecido como Mazolla, interpretado por Diego Boneta) e Pelé, que teria surgido no campeonato de Bauru e persistira durante a Copa do Mundo na Suécia. Em uma entrevista coletiva, Altafini alfineta o estilo de jogo de Pelé e Garrincha, que era posto em dúvida em partidas contra equipes europeias. No entanto, não fica claro se a rivalidade entre Pelé e Altafini é retratada por fatos reais ou se foram inseridas com caráter ficcionista.

Ao se buscar fontes adicionais, constata-se que tal rivalidade é fictícia. Altafini, ao ver algumas cenas em que parecia arrogante, relata que não era rico na infância e tampouco arrogante. Seu pai era operário e sua mãe trabalhava como doméstica, e ele morava a 300 km de Bauru (Dassisti, 2016). Diante disto, atesta-se que tais cenas foram incluídas para gerar uma maior dramatização no filme.

Em seus momentos derradeiros, a obra apresenta cenas reais de Pelé em partidas pelo Santos, ao término da final da Copa de 1958 e na final da Copa de 1970, acompanhado por dizeres de Pelé, retratando o seu sentimento na conquista da sua primeira Copa do Mundo, a promessa feita ao seu pai, e que 1958 lhe será um ano inesquecível, pois foi quando Dico se tornou o Pelé. Em seguida, os principais feitos e recordes de Pelé e o que o título de 1958 representou para o povo brasileiro, foram apresentados. Por fim, os créditos são acompanhados de fotografias e vídeos de Pelé, em sua carreira como

Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

www.ibpex.com.br / www.rbff.com.br

futebolista, em treinamentos e em momentos de lazer, invariavelmente, de posse da bola de futebol.

Naturalmente, observa-se que a obra em exame deu maior ênfase aos jogos em que Pelé participou e, principalmente, protagonizou. Neste sentido, retratou-se as lesões de Joel, Dino Sani e Altafini, que resultaram na entrada na equipe titular de Zito, Pelé e Garrincha. Pelé, que havia se machucado em um treino antes da copa, joga aconselhado pelos médicos a proteger seu joelho, e em seu primeiro jogo, contra a União Soviética, é vaiado. No entanto, não fica claro se as vaias ocorreram decorrentes do seu desempenho, ou por mero preconceito.

Nas partidas finais da copa de 1958 o Brasil era tido como “zebra”², e o filme faz uso de alguns fatos ocorridos nos bastidores. Após vencer a União Soviética, o Brasil enfrenta a França na semifinal. O filme peca ao não exibir o segundo gol do Brasil, marcado por Didi em um chute “folha seca”³, dando a impressão aos espectadores de que o primeiro tempo havia terminado empatado. No segundo tempo, é mostrado um diálogo bastante pobre entre Pelé e Altafini. Neste, Altafini - que havia sido substituído por motivo de lesão - sugere que não estava realmente lesionado e não tinha grande apreço por seu país. Ao final do diálogo, Altafini incentiva Pelé a usar a ginga no segundo tempo. Pelé e Garrincha retornam em bom nível e o Brasil vence a partida com um *hat trick*⁴ de Pelé.

No entanto, os gols foram retratados de forma romântica, haja vista que buscou-se enfatizar a genialidade de Pelé, minimizando os esforços coletivos da equipe. Isto foi totalmente desnecessário, haja vista que os fatos verídicos seriam suficientes para destacar tal genialidade.

Também em caráter romântico e com dramaticidade, o filme evidencia o favoritismo sueco antes da partida final, bem como o processo em que Feola - treinador da seleção brasileira, interpretado por Vincent D'Onofrio - desiste de uma mudança tática não assimilada

pelos jogadores, e decide assumir o estilo de jogo brasileiro. Além disso, em uma entrevista coletiva, os atletas brasileiros são tratados de forma vexatória pelo técnico sueco, que fala das mutilações de Djalma Santos - em sua mão -, Garrincha - por seu problema na coluna - e Castilho - daltônico e sem um dedo.

Outras informações acerca dos bastidores da final da Copa de 1958, que circulam popularmente, não foram contempladas no filme. Em uma destas, aventa-se que Feola se revezava com Paulo Machado Camargo - empresário e parceiro de Feola, elaborou o plano de trabalho visando a profissionalização dos métodos de trabalho da seleção brasileira - para a vigília dos jogadores, visto que os suecos tentavam atrair os atletas brasileiros para festividades. Este revezamento fazia com que Feola não dormisse muito e cochilasse durante as partidas (Noriega, 2009). Para os amantes do futebol, os bastidores das grandes conquistas sempre chamam a atenção, mas estes não foram explorados na obra.

Na partida final, o Brasil inicia a partida perdendo, e o filme não retrata um momento marcante daquela partida, no qual, após o primeiro gol da Suécia, Didi busca a bola e caminha até o centro do campo, tranquilizando a equipe. Com grande atuação de Pelé, Garrincha e Vavá, o Brasil domina o jogo, vence a partida e é aplaudido pelos europeus no estádio. O primeiro gol de Pelé na partida, e o último gol de Zagalo, foram retratados com certo teor romantismo e dramaticidade.

Embora tenha sido uma produção norte-americana, devido ao fato de que sua abordagem finalize imediatamente após o término da Copa de 1958, o filme perde a oportunidade de retratar o quanto aquele título representou para a autoestima do cidadão brasileiro, haja vista que, após a Copa de 1950, segundo Oricchio (2014), o cidadão brasileiro foi tomado por um sentimento de inferioridade em relação aos estrangeiros, o que constituiu o principal fator do sentimento de dúvida em seleção de 1958, pelo medo de se sofrer um novo trauma⁵.

O título de 1958 fez com que os brasileiros vislumbrassem no futebol uma forma de reconhecimento internacional, fomentando a autoestima, o que também

² Gíria utilizada para caracterizar a pequena probabilidade de se lograr êxito.

³ Marca registrada do jogador Didi, tratando-se de um chute com efeito para que a bola perca altura de maneira repentina.

⁴ Expressão utilizada, no futebol, para caracterizar que um jogador fez três gols em uma mesma partida. Na Europa, habitualmente um jogador que realiza um *hat trick*, leva a bola do jogo como recordação.

⁵ Sentimento este que Nelson Rodrigues descreve como “o complexo de vira-latas brasileiro”, passando este a se tornar seu conceito mais famoso.

contribuiu para a construção de uma identidade nacional (Gastaldo, 2002).

Logo, a conquista fez com que o Brasil superasse o complexo de vira-latas (Rossi, 2006). Neste sentido, inegavelmente a conquista da copa do mundo de 1958 foi um marco histórico para o país, o que, no entanto, não veio a ser abordado no filme.

A obra em exame pecou na veracidade de alguns fatos retratados em relação às partidas da copa de 1958. Além disso, abordou-se de forma bastante superficial algumas relações interpessoais que geram curiosidade no público, como a amizade entre Garrincha e Pelé, e as dificuldades encontradas pelo protagonista até obter êxito em sua carreira. A forma superficial como algumas questões transversais foram abordadas, e o fato de não ter havido a exploração de personalidades coadjuvantes complexas, como Garrincha, Didi, Altafini e Feola, também são pontos negativos do filme.

Outro ponto negativo na obra em exame, é que esta não torna claro quais os fatos não televisionados que são reais e fiéis à história, e quais fatos são ficcionais, criados para elevar o grau de dramaturgia do filme. Por ter uma característica biográfica, isto tende a confundir o telespectador.

Além disso, não se pode identificar uma cena que represente o clímax do filme. Em outras palavras, retrata-se a edição da copa do mundo que consagrou um atleta cujos feitos são mundialmente reconhecidos, porém, sem contagiar de emoção o público amante do futebol.

Em síntese, o filme expõe uma história nada inovadora em relação aos filmes do gênero, e peca por não explorar a riqueza de fatos do momento histórico em que seu protagonista está inserido.

Ainda assim, no âmbito acadêmico, permite a discussão de alguns temas transversais que podem ser debatidos em nível de graduação e pós-graduação na área de Educação Física, com um ligeiro caráter interdisciplinar, considerando o viés das representações sociais do futebol na sociedade brasileira.

Não obstante, retrata uma realidade demasiadamente distinta do glamour presente no futebol contemporâneo, resgatando a origem simples de um dos maiores ídolos mundiais do esporte, algo que por si só já merece destaque.

REFERÊNCIAS

1-Abrahão, B O.L.; Soares, A.J. O que o brasileiro não esquece nem a tiro é o chamado frango de Barbosa: questões sobre o racismo no futebol brasileiro. Movimento. Vol. 15. Num. 4. p. 13-31. 2009.

2-Dassisti, F. Altafini e ilfilmsu Pelé: “Yo e o Rei, dalmaracanazo al mondiale”. La GazzettaDello Sport. 23 mai 2016. Disponível em: <<http://www.gazzetta.it/Calcio/23-05-2016/altafini-film-pele-io-o-rei-maracanazo-mondiale-150800374062.shtml>>. Acesso em: 20/12/2017.

3-De Souza, A.A.; Vilar, D.A.; Gomes, E.P.; Almeida, R.; Navarro, A.C. A coordenação motora no futebol. Revista Brasileira de Futebol e Futsal. Vol. 2. Num. 5. p. 97-104. 2010. Disponível em: <<http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/51/50>>

4-Gastaldo, E. Pátria, Chuteiras e Propaganda: O brasileiro na publicidade da copa do mundo. São Paulo. Annablume. 2002.

5-Giglio, S.S.; Morato, M.P.; Stucchi, S.; Almeida, J.J.G. O dom de jogar bola. Horizontes antropológicos. Vol. 14. Num. 30. p. 67-84. 2008.

6-Noriega, M. Os 11 maiores técnicos do futebol brasileiro. São Paulo. Editora Contexto. 2009.

7-Oricchio, L.Z. Nelson Rodrigues e o complexo de “vira-latas”. Estadão. 01 jun 2014. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/blogs/luiz-zanin/nelson-rodrigues-e-o-complexo-de-vira-latas/>>. Acesso em: 20/12/2017.

8-Rossi, C. O ano em que acaba o “Complexo de vira-lata”. Folha de São Paulo. 07 mai 2006. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/fj0705200614.htm>>. Acesso em: 19/12/2017.

9-Roxborough, S.; Kemp, S. Berlin: “Pelé” Biopic won’t be ready in time for world cup (exclusive). Hollywood Reporter. 02/09/2014. Disponível em: <<https://www.hollywoodreporter.com/news/berl>

Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

www.ibpex.com.br / www.rbff.com.br

in-pele-biopic-wont-be-678716>. Acesso em: 19/12/2017.

10-Rechtshaffen, M. Young “Pelé” biopic failsto capture sparkof soccer icon. LA Times. 12 may 2016. Disponível em: <<http://beta.latimes.com/entertainment/movies/la-et-mn-mini-pele-review-20160510-snap-story.html>>. Acesso em: 19/12/2017.

11-Santos, N.; Capraro, A.M.; Lise, R.S. Racismo e a derrota que não foi esquecida: uma análise dos discursos de Mário Filho e da imprensa escrita acerca da final da copa do mundo de 1950. Movimento. Vol. 16. Num. 4. p. 191-208. 2010.

12-Wilkson, A. Pelé foi alvo de racismo na carreira, mas ignorou luta antirracista. Uol Esporte. 25 set 2014. Disponível em: <<https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2014/09/25/pele-foi-alvo-de-racismo-na-carreira-mas-esteve-alheio-a-luta-antirracista.htm>>. Acesso em: 20/12/2017.

13-Zilberman, A. “Pelé: Birthof a Legend” failsto score. The Washington Post. 19 may 2016. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/goingoutguide/movies/pele-birth-of-a-legend-fails-to-score/2016/05/19/385f0620-1c61-11e6-8c7b-6931e66333e7_story.html?utm_term=.3660754c68c3>. Acesso em: 19/12/2017.

Pelé: o nascimento de uma lenda. Direção: Jeff Zimbalist e Michael Zimbalist. Produção: Jeff Zimbalist, Michael Zimbalist e Brian Grazer. Roteiro: Jeff Zimbalist e Michael Zimbalist. Intérpretes: Leonardo Carvalho de Lima, Kevin de Paula, Vincent D’Onofrio, Seu Jorge, Diego Boneta, Felipe Simas, Mariana Nunes e outros. Estados Unidos: IFC films, 2016. 1 CD-ROM (147 min), VHS, son., color., 35mm. Produzido por Imagine Entertainment.

Recebido para publicação em 13/04/2018
Aceito em 29/07/2018